



Do especialista para o clínico



Dr. Marcelo Traitel - responsável pela seção "Do especialista para o clínico" da Revista Brasileira de Odontologia - entrevista Dr. Ivo Carlos Correa, professor do Departamento de Prótese e Materiais Dentários da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Materiais Dentários pela Universidade de São Paulo (USP/SP).

1- Em relação à escolha de cor, qual o método mais atual existente no mercado para se utilizar os compósitos restauradores?

Há muito tempo aprendemos a utilizar a Escala Vita Classical como método de obtenção da cor dos dentes de nossos pacientes e continuamos a usá-la até os dias de hoje. A escala Vita Classical funciona como ferramenta na escolha da cor para as restaurações de compósitos (resina composta), porém originalmente essa escala foi idealizada para seleção de cor em restaurações de cerâmicas.

Na década de 80, quando os compósitos começaram a serem amplamente utilizados, em função de melhorias nas propriedades mecânicas e também pelo sucesso da Odontologia adesiva (NAKABAYASHI, 1982), ainda havia muita confusão sobre o padrão de cores que identificavam o material resinoso dentro da seringa. Havia marcas comerciais que distinguiam as cores com letras, algumas com números e outras com números e letras. Na década de 90, praticamente todas as marcas de compósitos já incluíam a especificação nos matizes A, B, C e D e diferentes cromas ou saturações: 1, 2, 3, (3,5) e 4, sugeridos pela Vita.

Apesar dos padrões pré-estabelecidos da Vita, algumas técnicas foram criadas para facilitar a escolha de cor durante o procedimento restaurador. Pode-se citar a técnica do *mock-up*, amplamente utilizada entre os profissionais; uma pequena porção do compósito é colocada no elemento a ser restaurado e fotopolimerizada por poucos segundos, sem adesivo e sem condicionamento. Parece-me uma forma confiável de determinar a cor, pois é escolhida a partir do próprio material que será utilizado para restaurar o elemento dental.

O estudo da cor ou da seleção de cor do elemento dental é algo que não aprendemos na faculdade, nem na graduação e nem na pós-graduação. Não falo de uma aula de cor e sim de

uma disciplina onde se aprenda os conceitos e se exercite o processo de seleção. Há muitas variáveis para se determinar a cor adequada das restaurações em compósitos, como a luz ambiente, o grau de desidratação do esmalte, a experiência clínica e o tipo de escala de cor usada como referência.

Algumas marcas comerciais de compósitos disponibilizam uma escala de cor própria, porém, a grande maioria é confeccionada em resina epóxica ou resina acrílica, diferente da resina que compõe o compósito restaurador dental, e por vezes encontramos escalas de cor em papel ou papel cartão que nem de longe representam a realidade de nossa atividade profissional. O ideal seria o profissional ter a escala de cor feita do próprio material presente na seringa, para que o resultado estético final fosse previsível para ele e para o paciente. Isso deveria ser um padrão para todos os compósitos restauradores.

Recentemente, foi lançada no Brasil a resina *Brilliant New Line*, que disponibiliza uma escala de cor com essa característica de previsibilidade, pois é confeccionada do próprio material restaurador. Acredito ser o caminho a ser seguido por outras marcas comerciais para que nossa seleção de cor seja sempre uma escolha segura, mais fácil de alcançar o sucesso e com mais previsibilidade do resultado final.

2. Quando devemos utilizar a escala Vita e quando devemos optar pela escala 3D Master? Quais as suas principais diferenças?

Basicamente o conceito de cada uma das escalas é que faz a diferença entre elas. Foi muito sensato, por parte da Vita, criar uma escala com um conceito tão atual como o da 3D Master. Após muitos anos de estudos sobre como facilitar o processo de cor, para nós, dentistas, a Vita mudou o padrão Classical, centrada no modelo bidimensional, para um padrão 3D, trazendo a grande im-

portância da 3ª dimensão da cor: o “valor” ou “luminosidade”, que pode ser mensurado numericamente do preto (zero) ao branco (100). Apesar de na teoria o uso da escala 3D parecer mais fácil, na prática mostrou-se o contrário. Houve muita dificuldade no entendimento do conceito 3D, que tinha como objetivo simplificar a seleção de cor.

Dos três componentes ou das três dimensões da cor, o matiz, o croma e o valor, o mais importante é o valor, pois a partir dele pode-se chegar mais facilmente ao matiz e ao croma corretos, durante o processo de tomada de cor.

Este é o preceito fundamental da escala 3D baseado na fisiologia da retina, tecido responsável pela percepção das cores. Biologicamente, estamos aptos a perceber, mais precisamente, as diferenças entre o branco e o preto do que nas outras cores. As estruturas fotossensíveis dentro da retina que identificam o nível de claridade ou luminosidade estão presentes em número 20 vezes maior do que àquelas que diferenciam as cores propriamente ditas, ou seja, o matiz. Isso significa dizer que seria mais fácil reconhecermos o quão branco é o elemento a ser restaurado do que propriamente a sua cor Vita básica (A, B, C ou D). No início deste ano, a Vita apresentou durante o Ciosp/SP uma nova escala de cor chamada *Linearguide 3D Master*, resultado do aprimoramento da escala 3D Master. Conduzida brilhantemente pelo Dr. Marc Lindner, a apresentação desta nova ferramenta vai, sem dúvida alguma, simplificar o modo de escolher a cor da restauração, pois mantém o conceito do “valor”, como base da seleção, e incorpora o *layout* linear de “matiz” e “croma” já bastante conhecido da escala Vita Classical. Esse é o futuro da escala Vita.

3. Como podemos explicar a base deste novo conceito o *Duo-Shade*? Qual compósito que permite utilizar este conceito?

O conceito *Duo Shade*, que pode ser traduzido como dupla cor, já foi utilizado anteriormente em compósitos da *Coltene Whaledent*, o *Brilliant* e o *Synergy*. A própria *Coltene* evoluiu este conceito *Duo Shade* passando a aplicá-lo em todas as cores da escala Vita e criou o compósito *Brilliant New Line*, que é distribuído no Brasil pela *Vigodent S/A*. Basicamente, a idéia é associar em uma mesma seringa com duas cores muito próximas na escala Vita, exemplo: A2 e B2 = A2B2

O objetivo central desta associação de cores é facilitar a etapa de seleção de cor nos procedimentos restauradores, pois frequentemente ficamos em dúvidas em relação à escolha de uma dessas cores parecidas da escala, como A2 e B2, A1 e B1, A3,5 e B3, etc.


Quem nunca teve essa dúvida neste momento chave da confecção de uma restauração?

Outro fator interessante é que a junção dessas cores próximas traz como consequência a diminuição do número de seringas necessárias para se ter em um kit completo de compósito. Hoje em dia, há kits com mais de 30 ou 40 seringas, com cores que sabemos que jamais usaremos em nosso dia-a-dia da clínica.

Essa simplificação do sistema *Duo Shade* é que me deixa satisfeito, porque como clínico tenho essa dificuldade. Acho sensato e inteligente, a *Vigodent S/A* importar um compósito com esse conceito inovador aqui para o Brasil.

Esse conceito inovador nasceu a partir de um estudo científico feito pela *Coltene Whaledent*, sobre o espaço cromático que os dentes humanos ocupam dentro de um conjunto de cores existentes no universo, classificadas dentro das dimensões: matiz, croma e valor. O estudo foi baseado na análise espectrofotométrica de todas as cores da escala Vita Classical, considerando as três dimensões citadas acima. A partir deste resultado espectrofotométrico é que puderam ser organizados os pares de cores mais próximas, a saber: A1B1, A2B2, A3D3, A3, 5B3, C2C3...

A literatura científica nos mostra que o percentual de acerto da cor com o uso da escala Vita é da ordem de 70% (*J. Prosthet. Dent.*, v. 92, n. 4, p. 371-376, Oct., 2004), resultado baseado no fato de que as cores da escala não conseguem cobrir todo o espaço cromático ocupado pelos dentes humanos. Existem alguns “buracos negros” quando se observa esse espaço cromático e, se a cor do dente do paciente estiver nesse “buraco negro”, não há cor dentro da escala da Escala Vita para o profissional escolher e acertar.

O conceito *Duo Shade* minimiza este problema, pois ao juntar duas cores na mesma seringa, como, por exemplo, A2 e B2, o espaço cromático ocupado por esta cor A2B2 compreende o A2, o B2 e o “buraco negro” existente entre elas, possibilitando ao profissional acertar na cor quando em dúvida entre A2 e B2. Essa é a base do conhecimento que explica o famoso “efeito camaleão” nos compósitos, que podem mimetizar a cor da restauração com a cor do dente do paciente, mesmo que não seja exatamente igual. Há muita ciência e evidência dentro do sistema *Duo Shade* e espero que isso possa simplificar a seleção de cor para grande parte dos profissionais que necessitam de “rapidez consciente” (com ciência) no seu consultório. 

Veja entrevista completa no site:
www.aborj.org.br